

# Santa Catarina: o berço da industrialização da mandioca

Enilto de Oliveira Neubert<sup>1</sup>

## Doze mil anos de história

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é um dos principais legados de povos do passado para as gerações do presente. Com frequência, é considerada “o mais brasileiro dos cultivos”. Essa distinção se sustenta em evidências obtidas em testes de DNA e estudos arqueológicos mais recentes que apontam para a origem e a domesticação da mandioca no Sudoeste da Amazônia, em uma região que compreende os estados do Acre, Rondônia, Tocantins, Goiás e Mato Grosso há cerca de 10 mil a 12 mil anos (Olsen & Schaal, 2001; Allem, 2002; Carvalho, 2005; Murray, 2010).

Os nativos descobriram e domesticaram essa planta e também desenvolveram técnicas de processamento para a obtenção de diferentes produtos dela derivados. Ocorre que essas técnicas de fabricação utilizavam instrumentos rudimentares que, operados pela força braçal, exigiam muito esforço humano e não permitiam a produção em escala. O principal produto há muito desenvolvido por esses povos foi a farinha de mandioca, e estudos arqueológicos apontam a importância desse alimento processado para civilizações de 2 a 3 milênios a.C. (Crepaldi, 1992).

Em Santa Catarina, a arte de fazer farinha de mandioca também remonta há tempos passados e anteriores à chegada dos europeus. Já no ano de 1526, segundo Boiteux, citado por Pereira (1993), um galeão da frota de Dom Rodrigo de Acuña adquiriu dos silvícolas da Ilha de Santa Catarina (onde atualmente está Florianópolis)

30 quintais do produto (1.800kg), comprovando já existir também em solo catarinense esse saber-fazer nativo. Entretanto, foi com a chegada dos imigrantes açorianos que, na ainda Capitania da Ilha de Santa Catarina, a produção da farinha de mandioca iniciou um novo e histórico momento. Comparada à então postura portuguesa de dominar povos nativos, carrear para Portugal toda sua riqueza saqueável e, depois, todo o produto da capacidade de produção dos povos conscritos (Ribeiro, 1995), essa foi uma herança que pode ser entendida como positiva. Consta que os portugueses vindos das ilhas dos Açores possuíam muito conhecimento e habilidade para trabalhar a madeira e eram mestres na construção de engenhos.

## O legado dos açorianos

No ano de 1748, a Capitania de Santa Catarina (atual Ilha de Santa Catarina e proximidades) recebe seus primeiros imigrantes açorianos (Silveira, 2010). Os recém-chegados não obtiveram sucesso no cultivo dos grãos que bem produziam em Açores, mas ao depararem com o fabrico da farinha de mandioca pelos nativos, reconheceram seu valor alimentar e estratégico e logo perceberam que seus engenhos poderiam ser adaptados para alavancar essa atividade local. Assim, com a introdução dos seus “avançados” engenhos de farinha de mandioca, como citado por Pereira (1993), nascia em Santa Catarina a indústria da mandioca na sua primeira versão pós-nativos. Essa mudança na estrutura “industrial” ocorreu primeira e unicamente em Santa Catarina, com as demais regiões

produtoras de mandioca continuando a fabricar a farinha de acordo com o instrumental e os modos de operar nativos.

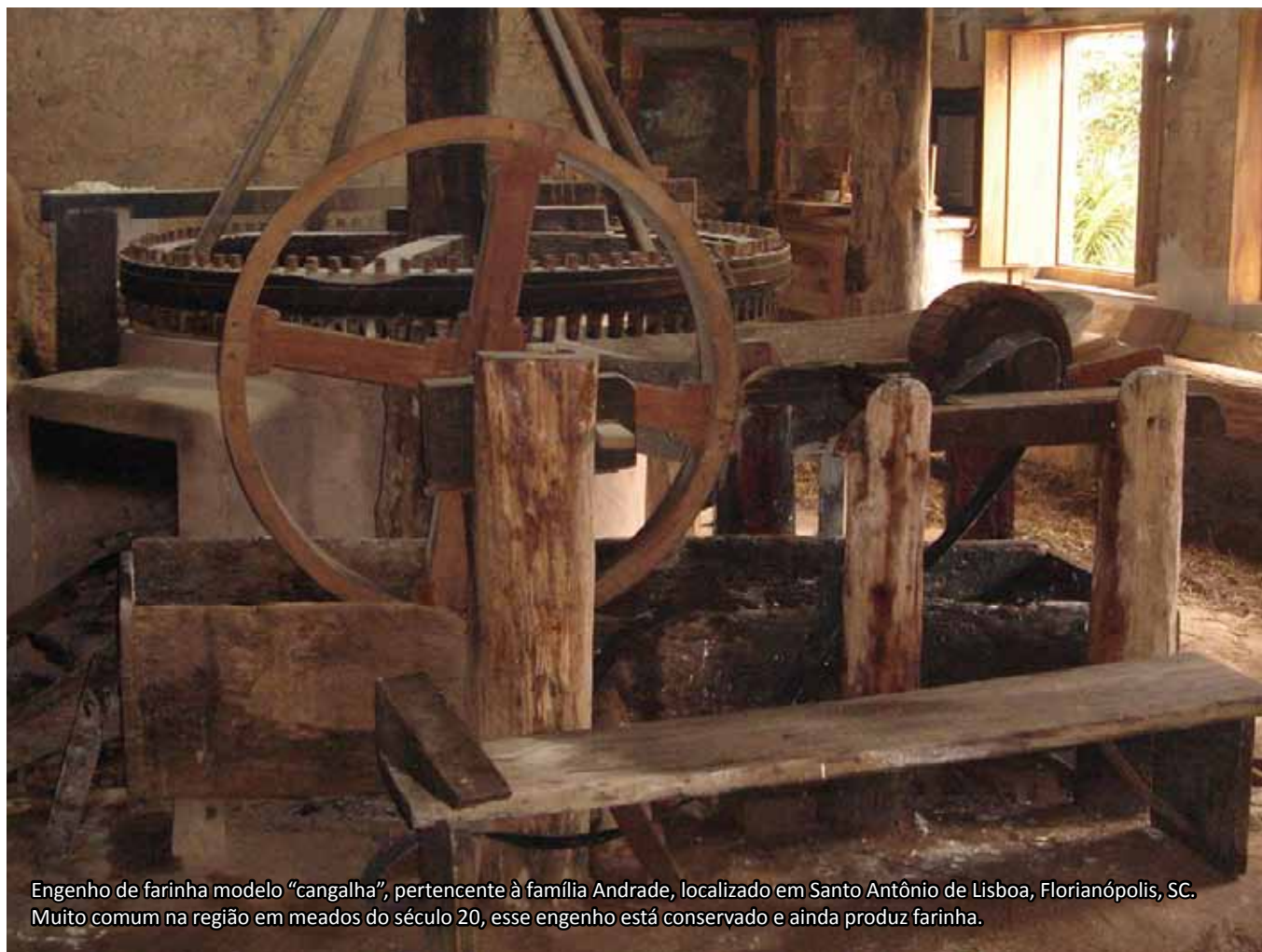
Em Santa Catarina, e nesse novo momento, o tal “engenho” com suas rodas e engrenagens de madeira passou a ser uma “máquina” de fazer farinha de mandioca que, ao substituir parte da força braçal e, principalmente, da força animal, contribuiu para a humanização do trabalho, viabilizou a produção em escala e passou a gerar importantes divisas. Conforme Pereira (1993), a partir de 1790 a produção de farinha cresce em razão dos muitos engenhos em operação que passam a abastecer as tropas aquarteladas nas fortalezas, o mercado externo em exportação para diversos países e, o restante, para o mercado interno.

Importante notar que a intervenção açoriana se deu nos instrumentos e mecanismos de operar as diferentes etapas da fabricação da farinha e não na essência das etapas do processamento em si. Esse fato, ao mesmo tempo que enaltece a capacidade do imigrante açoriano e concede ao Estado de Santa Catarina o *status* de berço da industrialização da mandioca, enfatiza a alta qualidade das técnicas de produção de farinha de mandioca desenvolvidas pelos nativos, as quais perduram até os dias atuais.

## Modernidade chegando

Bem mais tarde, por volta de 1911, também em solo catarinense, nasceu a indústria da fécula de mandioca. Segundo Costa (2009), citando Vilpoux & Cereda (1995), citados por Gameiro et al. (2003), “ainda que o surgimento

<sup>1</sup> Engenheiro-agrônomo, M.Sc., Epagri / Estação Experimental de Urussanga, Rod. SC 446, km 16, no 1563, Estação, 88.840-000 Urussanga, SC, fone: (48) 3465-1209, e-mail: enilto@epagri.sc.gov.br.



Engenho de farinha modelo “cangalha”, pertencente à família Andrade, localizado em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, SC. Muito comum na região em meados do século 20, esse engenho está conservado e ainda produz farinha.

do melhoramento da mandioca para outros fins que não o da farinha tenha aparecido em São Paulo, foi em Santa Catarina que surgiram as primeiras fecularias por iniciativa de imigrantes europeus”. Portanto, e ainda conforme Costa (2009), também a indústria da fécula se originou em Santa Catarina, embora desenvolvida logo depois em São Paulo, instalada posteriormente no Paraná e, por último, em Mato Grosso do Sul.

Conhecer a histórica contribuição de Santa Catarina para a indústria da mandioca é fundamental para o reconhecimento e a compreensão da dimensão do valor dos produtos derivados que os catarinenses ainda fabricam. Os antigos engenhos ainda existem espalhados pelo litoral catarinense, cada vez mais raros de encontrar. Hoje em dia, os descendentes ▶



Foto: Nilson Teixeira

Filtro a vácuo da fecularia e polvilheira Machado, Sombrio SC. Equipamento moderno extrai a fécula que será utilizada na produção do polvilho azedo.



Foto: Nilson Teixeira

Sr. Sotero, de família com tradição na produção de farinha de mandioca, satisfeito com o nível de mecanização/automação existente em seu atual engenho de farinha, em Sangão, SC

dos açorianos e de imigrantes alemães, principalmente, levaram adiante o legado dos primeiros portugueses e desenvolveram máquinas mais modernas.

Produzidos à luz dos saberes do território-berço da industrialização da mandioca, tanto quanto qualidade, os produtos catarinenses e a gente que com eles se envolve possuem uma história singular que os diferencia e lhes oportuniza novas e boas perspectivas. Tornar realidade tais oportunidades se constitui num dos grandes desafios do presente.

## Literatura citada

1. ALLEM, A.C. The Origins and Taxonomy of Cassava. In: HILLOCKS, R.J.; TRESH, J.M; BELLOTTI, A.C. (Eds.). **Cassava: Biology, Production and Utilization**. CABI Publishing, p.1-16, 2002.
2. CARVALHO, L.J.C.B. Biodiversidade e Biotecnologia em Mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MANDIOCA, 11. (palestra). **Anais**. Campo Grande, MS, 2005.
3. COSTA, U.G. **As relações de produção na cadeia produtiva de mandioca**: um estudo de caso da indústria Agro Comercial Cassava S/A – unidade de Glória de Dourados, MS. Disponível em: <[www.egal2009.easyplanners.info/area06/6398\\_Costa\\_Ucleber\\_Gomes.pdf](http://www.egal2009.easyplanners.info/area06/6398_Costa_Ucleber_Gomes.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2011.
4. CREPALDI, I.C. Origem, evolução e geografia da mandioca: uma revisão. **Sitientibus**. Feira de Santana: n.10, p.89-94, jul-dez, 1992.
5. MURRAY, A. **Cassava presentation**, 2010. Disponível em: <<http://www.morris.umn.edu>>. Acesso em: 20 out. 2011.
6. OLSEN, K.M; SCHAAL, B.A. Microsatellite variation in cassava (*Manihot esculenta*, Euphorbiaceae) and its wild relatives: further evidence for a southern Amazonas origin of domestication. **American Journal of Botany**, n.88, v.1, p.131-142, 2001.
7. PEREIRA, N.V. **Os Engenhos de mandioca da Ilha de Santa Catarina**: Etnografia Catarinense. Florianópolis: Fundação Cultural Açorianista, 1993, 208p.
8. RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 476p.
9. SILVEIRA, C.R. A imigração da mulher açoriana em Santa Catarina: da subversão à bruxaria. In: **Fazendo Gênero 9 (Diásporas, Diversidade, Deslocamentos)**, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#C>>. Acesso em: 20 out. 2011. ■